

A GEOGRAFIA ENQUANTO CONHECIMENTO CIENTÍFICO(1)

Prof. Dr. José Santino de Assis*

Pesquisador do Laboratório de Fitogeografia Aplicada (LABFIT)

Maceió-Alagoas, 1993

Introdução

Durante todo o período que vai desde as suas origens até a época contemporânea, a Geografia tem se comportado como uma disciplina científica essencialmente dinâmica. Dinamismo esse que tem se evidenciado tanto pelo alargamento do seu campo de estudos e pela definição do seu objeto de investigação, quanto pelo aprofundamento metodológico que tem conseguido manter. Bem como pelo acompanhamento ao desenvolvimento das novas técnicas que têm sido introduzidas. Essa evolução, historicamente cronologada desde o que se convencionou chamar de Idade Clássica até à atualidade, se constitui no seu mais expressivo documento de afirmação e na sua mais relevante prova de empenho na busca do ainda por descobrir e, conseqüentemente, conhecer, naquilo que, evidentemente, lhe compete.

Se o conhecimento científico é infinito e não tem fronteira na sua incessante busca, nem é privativo de algum ramo específico do saber, a Geografia, como parte integrante do universo que é a ciência tem, dessa maneira, cumprido relativamente bem o seu papel. E esse bom desempenho, a exemplo do que acontece com as outras disciplinas suas congêneres, tem se manifestado dentre outros fatores, pelo que tem apresentado de metódico, de sistemático e do apoio em leis e teorias pelas quais se rege. Os seus estágios evolutivos é que, provavelmente, não tenham cronologicamente coincidido com os das demais disciplinas. Bem como o seu grau de importância e o seu reconhecimento pela sociedade é que podem não ter alcançado o mesmo desempenho que algumas outras, ao longo da sua trajetória. Mas isso, no entanto, não lhe diminui o conceito nem a sua credibilidade. Porquanto a ciência, mesmo caracterizando-se pelo desinteresse em atender grupos isolados ou suas vontades acaba, ainda assim, sempre sofrendo influências ou passando por mandos e desmandos de vontades político-governamentais. Em sendo assim, não raro algumas dessas disciplinas, cujo ramo do conhecimento mais se ajustam a interesses momentâneos de grupos dominantes ou também à necessidade periodicamente mais evidentes da sociedade, são beneficiadas com certos privilégios que resultam num desenvolvimento bem à frente, e numa capacidade de penetração popular bem maior, em relação àquelas outras. É testemunho disso, a própria Geografia, na época de Hitler, com a sua doutrina do "espaço vital", em comparação, por exemplo, com o Meio Ambiente nos dias atuais.

Particularidades do Conhecimento

Ao se referir sobre o conhecimento científico, uma primeira distinção deve ser feita ao nível apenas do termo "conhecimento", enquanto ponto referencial de partida. Entendendo-se este, como a fonte de onde emerge o termo. Em princípio tem-se o conhecimento como a ação de conhecer alguma coisa, ou ter consciência da existência de algo. Derivado da palavra "conhecer", no seu significado de ter noção, ser informado, fazer distinção entre objetos ou coisas. Este conhecimento equipara-se ao chamado "conhecimento empírico", ou aquele que só pode ser conseguido por meio da experiência, da convivência, ou do contato. Ele pode ser identificado com o "conhecimento a *posteriori*" de Kant. Nesse sentido, ou com base nessa acepção, estaria estabelecido todo o processo de conhecer, exclusivamente ao nível da espontaneidade ou do senso-comum.

Já num outro sentido mais amplo, o conhecimento realiza-se através do entendimento da existência e do funcionamento dos objetos ou das coisas. Com esse conhecimento que, necessariamente, passa por uma escolaridade ou por um determinado grau de instrução, se obtém respostas do ato de conhecer os fatos, os fenômenos, os objetos ou coisas, e dele se tiram proveitos para o bem comum da humanidade. Igualmente derivado da palavra "conhecer", sendo que, agora, com o significado de descrever um fenômeno, de prever a probabilidade de ocorrência futura de um evento, de relatar um outro evento passado, e de manipular e utilizar adequadamente um objeto qualquer (Garcia, 1988). Este nível de conhecimento pode ser identificado com o "conhecimento a *priori*", vez que ele é independente da experiência, ou do

empirismo. Por esse motivo, e também por buscar o entendimento dos objetos em descrevendo-os, explicando-os e promovendo indagações a respeito deles, este conhecimento já se encontra enveredando para um plano eminentemente científico.

Mas os níveis do conhecimento não se limitam apenas ao empírico e ao científico. Eles se estendem, também, ao filosófico e ao religioso (Garcia, 1988). No que respeita à Religião, informa este autor que ela "motiva o homem a trilhar seu caminho". Mas que, "falar em conhecimento religioso implica, antes de tudo, em definir a própria religião, de um lado, e a religiosidade, do outro". Entendendo-se não ser este assunto para o momento, no entanto é admissível tratar-se de um conhecimento que pode ser adquirido ou transmitido, tanto pela experiência quanto pela escolaridade. Dependendo, naturalmente, do grau de aprofundamento que se queira alcançar.

Já no plano filosófico, embora haja crítica formulada acerca da distinção entre conhecimento científico e conhecimento filosófico, onde há indicativos de que o problema é apenas metodológico (Litholdo, 1978), existe concordância de que, em filosofia, o conhecimento está apoiado no raciocínio, na razão, na reflexão crítica sobre o real ou o concreto, podendo penetrar pelo caminho da abstração. Enquanto o científico se apóia mais na investigação dos fatos.

A distinção ainda pode ser feita no sentido de que, no plano científico, o conhecimento se dá através da sensação e da percepção, ou no que exige a presença do objeto, no tempo e no espaço. Enquanto no plano filosófico, o conhecimento não exige a presença do objeto, razão pela qual, ele se realiza através da abstração. Segundo Lefebvre (1991), três segmentos mais gerais caracterizam o conhecimento: é prático, é social e é histórico. O primeiro trata da fase ligada à experiência, ou à prática, por onde ele tem que passar antes de alcançar o nível teórico. Ou seja, antes de atingir o plano científico, ele passa pelo plano do senso comum, ou vulgar, ou empírico. O segundo diz respeito ao relacionamento que se opera no âmbito da convivência humana, onde as pessoas mantêm um permanente processo de ações de uns sobre os outros. Já o terceiro, refere-se à passagem, por aquisição e conquista, da fase da ignorância para a do conhecimento.

Dessa forma o conhecimento, enquanto tal, possui o seu conjunto de preceitos, de regras, de idéias e de opiniões várias a seu respeito e que, postos de forma organizada e sistematizada, constitui o que vem a ser a sua própria teoria. E esta, é representada pela Gnosiologia, que é a parte da Filosofia que trata da "teoria do conhecimento" ao nível geral, ou aquele que estuda as bases do conhecimento humano. Mas, para que o conhecimento se manifeste como um dado concreto, é preciso que haja a presença do sujeito, do objeto e da relação, os quais, se constituem nos "elementos do conhecimento". De tal forma é a importância desses elementos, que sem eles não pode haver conhecimento. Afirmo Lefebvre (1991) que, "não existe conhecimento sem objeto a conhecer". E exemplifica, "não existe ciência da natureza, sem uma natureza". Mas o que caracteriza, mesmo, o conhecimento, é a relação que se opera entre o sujeito e o objeto. Sem ela não se dará a concretização do conhecimento.

O Conhecimento Científico

Enquanto o conhecimento tem na Gnosiologia a disciplina que trata dos seus fundamentos teóricos, o conhecimento científico tem na Epistemologia a disciplina que se encarrega para si, desse mesmo assunto. Parte da Gnosiologia que se situa apenas no plano científico, ou da ciência, a Epistemologia visa a determinação dos fundamentos lógicos e a formação de uma abordagem e de um julgamento da realidade, bem como a busca da explicação dessa realidade. Visa, também, a promoção e o estudo crítico dos princípios e das leis gerais, das hipóteses e dos resultados.

O conhecimento científico reúne uma série de características que o identificam ao nível da ciência enquanto instrumento da investigação. Segundo Litholdo (1978), "a primeira característica do conhecimento científico é, portanto, o de ser fatural". Mas ele não se limita em partir dos fatos e a eles retornar, ele "procura construir teorias sobre as quais os fatos comprovados estão assentados". Ainda para este autor, o conhecimento científico desenvolve uma trajetória infinita, no curso da qual, opera mudanças no sentido de aproximar-se cada vez mais da exatidão. Sendo um dos objetivos da ciência, a busca da verdade dos fatos ela, não

somente promove a sua mensuração, como procura explicá-los. Podendo prever o que lhes acontecerá no futuro, o que se dá em vista das relações que entre eles se sucedem, através da existência de leis naturais. Assim, a partir dos dados coligidos e analisados, estabelece-se uma relação funcional de causa e de efeito, postulam-se as teorias e também as leis. Diz Lefebvre (1991) que, além da predição, o conhecimento científico também pretende controlar a ocorrência dos fenômenos, além de descrevê-los e situá-los em categorias específicas e de classes características.

Em virtude da sua capacidade de predição, o conhecimento científico caracteriza-se, ainda, pela universalidade. Visto que objetiva o bem comum da humanidade, através da observação. Esta que, para Lefebvre (1991), ela deve ser sistemática, meticulosa, ampla e profunda, chegando-se à constatação dos fatos e à classificação dos fenômenos estudados, por via das diferenciações e similaridades funcionais e estruturais. Sendo sistemático e ordenado, o conhecimento científico demonstra que as partes, ou as diversas disciplinas que constituem o corpo da ciência, se integram entre si. E a sistematização, segundo Silva (1988), é produto da descoberta de leis. Ainda para Litholdo (1978), o conhecimento científico deve ser adquirido de maneira metódica. Isto significa dizer que o método científico, indispensavelmente empregado na investigação científica, também se constitui numa das premissas do conhecimento científico. Embora ele não seja o "caminho infalível para se descobrir a verdade". Mas esta não pode ser também conseguida "sem qualquer orientação metodológica" (Litholdo, 1978). Dentro desse mesmo raciocínio, informa Silva (1988) que "o método científico pode consistir na observação de fatos que permitam a descoberta das leis gerais que os governam".

Outras características do conhecimento científico é que ele busca a descoberta sempre do desconhecido, responde indagações, propicia questões, formula novas indagações e levanta problemas, podendo sugerir as suas soluções. Enquanto qualitativo, no sentido de Granger (1989), ele descreve, compreende e explica. E é através da busca ou da ida ao encontro do ainda desconhecido, que há o enriquecimento metodológico e, por conseguinte, o emprego de técnicas cada vez mais avançadas. E não somente o emprego da tecnologia, mas também a própria descoberta tecnológica e a construção de aparelhos, são também reconhecidas como características e resultantes do conhecimento científico.

O Posicionamento da Geografia

No âmbito do conhecimento científico a Geografia parece ocupar um lugar de destaque, na medida da amplitude do seu raio de abrangência. Qualquer que seja o objeto contido nas várias delimitações resultantes dos trabalhos dos geógrafos que enfocam essa questão, ele serve, antes de tudo, para enriquecer cada vez mais esse privilegiado posicionamento. É claro que os diversos objetos admitidos como pertencendo ao estudo da Geografia, e que venham aprofundar o seu nível de conhecimento, têm que estar apoiados, sob a luz da razão, da comprovação ou da percepção. E que, para o estudo dos quais, se disponha de uma metodologia coerentemente adequada.

O problema da Classificação

O que concede, talvez, um certo grau de dificuldades no entendimento da posição da Geografia na esfera do conhecimento científico como uma disciplina enriquecida nesse sentido, é a sua adaptabilidade pouco satisfatória, no âmbito das classificações existentes. Seja isso pela sua penetração muito aprofundada, às vezes, nos campos de conhecimento de várias outras disciplinas seja, também, pela sua já ultrapassada divisão de abordagem, onde se encontra lugar para uma Geografia Física e uma Geografia Humana. Divisão essa que resulta na sua colocação-a em duas linhas classificatórias opostas. Além desses dois segmentos, vez por outra ainda aflora um terceiro, no momento em que as plantas e os animais são estudados sob o ponto de vista geográfico. Se, para uns, ele está inserido na Geografia Física, para outros, ele pertence à Geografia Biológica. Essa terceira abordagem, que contribui ainda mais para dificultar a classificação, fornece mais material para aqueles que admitem seja isso um atraso para a Geografia, enquanto disciplina científica.

Embora esse problema da classificação, ou da situação da Geografia, entre as demais disciplinas, seja um problema de todas as ciências (Oliveira, 1976), a ponto de não podermos

esperar que cada uma delas se enquadre perfeitamente numa classificação (Broek, 1981), a Geografia, mais que as outras, simboliza essa problemática. Isso tem levado à produção de inúmeros trabalhos que tratam dessa questão da amplitude da sua abordagem, nos quais há uma certa unanimidade no questionamento sobre a sua autenticidade, vindo a afetar o seu posicionamento no quadro do conhecimento científico. Esse volume de material é fartamente encontrado nas obras geográficas que têm se preocupado com esse seu posicionamento, seja no plano da filosofia, da lógica ou da epistemologia. Seja, ainda, no seu apoio metodológico, no seu alcance tecnológico ou na divulgação da sua capacidade produtiva expressa na sua história curricular.

Muitas outras questões são, ainda, abordadas nesse aspecto, inclusive no que respeita às linhas teóricas mantidas e defendidas por determinadas correntes que acabam se tornando opositoras de outras, como se estivesse em jogo não um aprimoramento científico em prol da humanidade, mas uma provinciana disputa político-partidária. Todavia, apesar de muitos manuais de geografia, inclusive os publicados nas duas últimas décadas, ainda enfocarem bastante essa questão, informa Oliveira (1976) que, modernamente esse problema não mais se coloca. De fato, se dentre outros atributos a Geografia, tal como uma disciplina científica que é, determina um campo, especifica um objeto e orienta-se por um método de estudos, essa questão se torna absolutamente irrelevante.

A Argumentação Crítica

As indagações de que: "é a Geografia uma ciência?" ou, "o que é a Geografia?", são muito antigas e têm gerado as mais diversas discussões, especulações e críticas as mais radicais. No arcabouço dessa polêmica que, para Moraes (1985), continua inexistindo consenso, permeiam questões de ordem epistemológicas, de filosófica, de metodológica, de campos de estudos, dentre outros. Mas o que parece gerar mais discussão é a questão do objeto. É o homem?, é o espaço?, é a paisagem?, é a natureza?, é a região?, é o lugar?, é a relação entre o homem e a natureza?, é o ambiente?, é a biosfera?. Numerosos trabalhos tratam do assunto. Parece, mesmo que, tem sido exatamente essa capacidade de produzir trabalhos dessa natureza, e com este fim, a tarefa produtiva mais brilhante e mais profícua do geógrafo. Desde, pelo menos, os primórdios da Geografia como disciplina detentora de uma sistematização. Dois aspectos têm resultados desse trabalho grandioso.

O primeiro é que, perante a uma produção cada vez mais acentuada nesse viés crítico, histórico, filosófico e epistemológico sobre a Geografia exibe, talvez, o seu traço mais positivo. Tanto em matéria de desempenho como de aprimoramento. Sobretudo naquilo que é mais criticada: o que é, ou se é, ou não, uma ciência. Ora, se há uma clara unanimidade em se afirmar que a Geografia adquiriu foros de ciência desde meados do século XIX, com os trabalhos de Humboldt e Ritter, por que razão hoje, quando toda ela tem sido sucessivamente enriquecida, tanta polêmica e tantas dúvidas ainda são suscitadas?. Isso sugere indicar que esses trabalhos já não são mais de crítica, mas sim, de contribuição científica (Assis, 2000). O Brasil de hoje dispõe de uma grande equipe desenvolvendo excelentes trabalhos nessa linha.

O segundo aspecto, e agora com referência apenas ao caso brasileiro é que, com essa gama de grandes nomes produzindo cada vez mais sobre o assunto, certamente haverá paralelamente um vislumbramento de novos horizontes no mercado de ocupações e de atribuições geográficas. Com efeito, à medida que se acentua essa amplitude da abordagem geográfica, novas e maiores responsabilidades vão sendo incorporadas ao trabalho aplicativo daquele grupo de geógrafos que, infelizmente, não tem se destacado no mesmo nível de capacitação produtiva dos nossos pensadores. Significa isso em dizer que, o grupo compreendido pelos *practitioners* da base da "pirâmide intelectual" de Abler, Adams e Gould (1971), com o maior e melhor desempenho daqueles que se situam no topo da mesma pirâmide, vão recebendo um crescendo de novas maiores atribuições, sem que, até o momento, tenham esboçado uma reação capaz de acompanhá-los, ao menos, na sua retaguarda.

Fundamentos Básicos

Ao nível de conhecimento científico a Geografia tem cumprido de modo relativamente satisfatório a sua incumbência. Se críticas baseadas no grande número de correntes marcadas, sobretudo, pela divergência entre seus formuladores, no sentido de Serra (1985) isso acaba

enriquecendo a sua própria dinâmica na qualidade de disciplina científica. Assim, a Geografia, até por esse motivo, tem demonstrado ser uma disciplina pautada pelo dinamismo. Isso só confirma o pensamento de Oliveira (1976), quando diz que, "como toda ciência, a Geografia não pode ser considerada como algo acabado e estático". Afirmativa que é ratificada por Wettstein (1992), ao afirmar que a Geografia, "coerente com seu objeto de estudo e seu campo de ação, não é uma ciência estática". Logo, essa constante incorporação de novas correntes que resultam em novos avanços e proporcionam novas atribuições, representam nada mais que um processo natural de evolução característico, mesmo, da própria ciência. E a Geografia tem sabido desincumbir-se muito bem dessa função, valendo-se de precauções epistemológicas para receber esses aportes, onde "incorpora o novo modo de pensar nascido na convergência de múltiplos contributos conceptuais" (Isnard, 1982). Desse modo, pelo que tem desenvolvido ao longo da sua história; pelos temas que tem abordado durante esse tempo; pelo aprimoramento que tem conseguido; pela contribuição que tem dado ou pelo serviço que tem prestado em benefícios do homem e/ou da sociedade e do ambiente no qual exerçam as suas múltiplas relações; pela adaptação à evolução tecnológica em servindo-se dos novos meios que surgem; pela busca do aperfeiçoamento de uma metodologia sempre ajustada ao seu progresso; e, pela massa crítica levada a efeito pelos pensadores, a Geografia certamente encontra-se fundamentada o suficiente para canalizar críticas as mais extremas, sem que a sua unidade seja desfeita, ou mesmo abalada.

Conclusão

Tudo o que foi desenvolvido nos itens anteriores foi instruído dentro do princípio de que a Geografia não é uma disciplina que não possa deixar de ser equiparada às demais que, por alguma razão, possuam maior poder de penetração no seio da opinião pública. E essa instrução, ou esse princípio, tem como base fundamental todos aqueles atributos constitutivos do conhecimento científico como tal. Assim, por esse raciocínio, a Geografia tem uma grande responsabilidade a vencer, qual seja a de alcançar o seu objetivo, na ânsia de atender parte das necessidades da humanidade, no mesmo nível de aceitabilidade daquelas outras disciplinas mais conhecidas, ou periodicamente mais aquinhoadas.

O que parece ser um pouco difícil é que, devido ao grande número de fatos ou fenômenos que constituem a matéria do estudo que lhe pertence, conforme Hartshorne (1978), isso possa reverter negativamente no seu grau de credibilidade. E isso não tem sido raro em razão do comportamento de alguns signatários de disciplinas outras cujo objeto e campo de atuação mais se aproxima daqueles abrangidos pela Geografia. Mas contra isso, um grande passo vem sendo dado ultimamente, através dos trabalhos multidisciplinares desenvolvidos por alguns projetos de pesquisa realizados, nos quais o geógrafo, possuidor desse singular nível de conhecimento que a Geografia lhe proporciona, vem desmistificando aos poucos aquela descrença e impondo um novo e positivo conceito interdisciplinar. Porém o que deve ser levado em muita conta, antes mesmo de se tornar um bom vendedor do que produz, no sentido de Wettstein (1992), é a responsabilidade no que tange a qualidade sem retoque do material que o geógrafo deve produzir. Isso é muito importante porque, ainda que todos os demais pré-requisitos estejam atendidos satisfatoriamente, mas enquanto sua finalidade no concernente ao alcance público do bem comum não tiver sido atendida, a Geografia ainda não estará plenamente consubstanciada nem definitivamente livre de críticas, enquanto conhecimento científico.

(1) Trabalho desenvolvido para apresentação ao Curso de Doutorado em Geografia no atendimento da disciplina sob o título referenciado.

**É Geógrafo Doutor em Organização do Espaço. Atuante no Zoneamento e na Análise Geofitoambiental para o Planejamento Territorial.

Bibliografia

ABLER, R; ADAMS, J. e GOULD, P. *Spatial organization: the geographer view of the world*. Englewood Cliffs: prentice Hall, 1971.
ANDRADE, M.C. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987.144 p.

- ANDRADE, M.C. *Caminhos e descaminhos da geografia*. Campinas, SP: Papirus, 1989. 88 p.
- ASSIS, J. S. *Biogeografia e conservação da biodiversidade: projeções para Alagoas. Maceió/São Paulo: Catavento, 2000. 200 p.*
- BAULIG, H. A Geografia é uma ciência? In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p. 59-70.
- BROEK, J. O. M. *Iniciação ao estudo da Geografia*. 4 ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 156 p.
- CHISHOLM, M. *Geografia humana: evolução ou revolução?* Rio de Janeiro: Interciência, 1979. 170 p.
- CLAVAL, P. *La pensée géographique*. Paris: SEDES, 1972. 113 p.
- FRAZIER, J. W. Geografia aplicada e pragmatismo. *Geografia e planejamento*, São Paulo, v. 36, p. 1-14.1981.
- GARCIA, F. L. *Introdução crítica ao conhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1988. 116 p.
- GOMES, H. *Reflexões sobre teoria e crítica em geografia*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991. 121 p.
- GRANGER, G. G. *Por um conhecimento filosófico*. Trad. Constança M. Cesar e Lucy M. Cesar. Campinas-SP: Papirus, 1989. 288 p.
- HARTSHORNE, R. *Propósitos e natureza da Geografia*. 2ª ed. Trad. Thomaz N. Neto. São Paulo: Hucitec/EDUSP. 1978. 205 p.
- ISNARD, H. *O espaço geográfico*. Trad. portuguesa João Victor G. S. Pereira. Coimbra: Livraria Almeida, 1982. 259 p.
- JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. 200 p.
- LACOSTE, Y. A Geografia. In: CHÂTELET, F. *A filosofia das ciências sociais: de 1860 aos nossos dias*. Trad. Hilton F. Japiassu. Rio de Janeiro: Zahar. 1974. p. 221-274.
- LEFEBVRE, H. *Lógica formal/lógica dialética*. 5 ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991. 302 p.
- LITHOLDO, A. *Metodologia científica e geografia*. Presidente Prudente, SP: UNESP/IPEAPP, 1980. 65 p.
- LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Organiz.) *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.
- MORAES, A. C. R. *Geografia: pequena história crítica*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1985. 143 p.
- MORAES, A. C. R.. *A gênese da geografia moderna*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1989. 207 p.
- OLIVEIRA, L. A situação da geografia entre as ciências. *Geografia*, Rio Claro, v. 1, p. 53-61, abr. 1976.
- SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1980. 237 p.
- SILVA, A. C. *O espaço fora do lugar*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1988. 128 p.
- SODRÉ, N. V. *Introdução à geografia: geografia e ideologia*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.136 p.
- WETTESTEIN, G. *Subdesenvolvimento e geografia*. Trad. Rosina D'Angina. São Paulo: Contexto, 1992. 256 p.
- WOOLDRIDGE, S. W; EAST, W. G. *Espírito e propósitos da geografia*. 2 ed. Trad. Thomaz N. Neto. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1967. 189 p.